

PREVALÊNCIA DE CATEGORIAS DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO TÉCNICO DE DESIGN GRÁFICO EM SÃO PAULO

PREVALENCE OF VISUAL ARTS CATEGORIES IN THE TECHNICAL EDUCATION OF GRAPHIC DESIGN IN SÃO PAULO

Maria Beatriz Saraiva Dinelli¹

Luís Cláudio Portugal do Nascimento²

Resumo

Este artigo expõe resultados de uma investigação a respeito do quadro atual, em 2018 e 2019, do ensino técnico de design gráfico na cidade de São Paulo, com base, sobretudo, em duas das dez escolas em atividade. Os estudos de campo desenvolveram-se por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade com coordenadores, professores, alunos e ex-alunos; observações diretas de aulas e análises gráficas e semióticas da linguagem visual de trabalhos de alunos. Alguns resultados sugerem ocorrência de proximidade de categorias das artes visuais no ensino técnico de design gráfico tal como atualmente ministrado. Tal hibridização se manifestaria em temáticas, orientações e propostas pedagógicas exercitadas com alunos, nem sempre em correspondência com o universo do design. Esta abordagem menos demarcada da singularidade do design parece, entretanto, apresentar efeitos colaterais percebidos como favoráveis, como ampliação de horizontes profissionais do corpo discente, que apresenta, em geral, orientação vocacional mais diversificada, menos especificamente restrita ao campo do design.

Palavras-chave: pedagogia de design para jovens; ensino não universitário de design; ensino técnico de design; ensino de design gráfico; ensino técnico em São Paulo.

Abstract

This article presents the results of an investigation into the current situation, in 2018 and 2019, of technical education in graphic design in the city of São Paulo, based mainly on two of the ten functioning schools. Field studies were developed through in-depth semi-structured interviews with coordinators, teachers, students and alumni, through direct observations of classes, and through graphic and semiotic analysis of the visual language of students' work. Some findings suggest the prevalence of visual arts categories and approaches in the current technical teaching of graphic design. Such hybridization would manifest itself in themes, orientations and pedagogical exercises, which did not always correspond to the universe of design. This less demarcated approach to the singularity of design seems, however, to have beneficial side effects, such as broadening the professional horizons of the student body, which, in general, has a more diversified vocational orientation, less specifically restricted to the design field.

Keywords: design pedagogy for young people; non-university design education; technical design education; teaching of graphic design; technical education in São Paulo.

¹ Mestre, USP – FAU - Programa de Pós-Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. beatrizdinelli@gmail.com; ORCID: 0000-0003-4370-1475.

² Professor Doutor, USP – FAU - Departamento de Projeto, São Paulo, SP, Brasil. claudioportugal@usp.br; ORCID: 0000-0003-4586-1747.

1. Introdução

A temática do ensino de design no Brasil tem gerado debates e reflexões acerca de sua peculiaridade. No país, a atividade de design gráfico, como uma das subáreas de conhecimento do design, é ensinada em nível universitário e, também, no chamado “ensino técnico”. Esta modalidade de ensino, de teor vocacional, é enquadrada no nível médio dos sistemas educativos, referindo-se à educação realizada em escolas secundárias ou instituições que conferem diplomas profissionais. Voltada para alunos, em geral, mais jovens, caracteriza-se por ser uma formação não tão aprofundada teoricamente como o nível superior, possuindo um sentido mais pragmático, orientada para rápida integração no mercado de trabalho.

Por esta perspectiva, os cursos técnicos de design gráfico, denominados “Técnico em Comunicação Visual”, propõem desenvolver, segundo diretrizes do Ministério da Educação do Brasil, a capacidade de criação de uma variedade de projetos que demandam uma diversidade de competências e saberes, em que se incluem identidade visual de empresas, embalagens, anúncios para mídia impressa e digital, projetos editoriais de livro e revista etc. (MEC, 2000).

Se, historicamente, cursos técnicos são vistos como formação menor, evidenciada pela estrutura do ensino brasileiro – de um lado, a formação propedêutica responsável pela formação geral e, de outro, a formação técnica profissional, correspondendo à formação específica (FERRETTI, 2006) –, a ênfase na prática é um diferencial do ensino técnico, que, por meio da utilização de laboratórios de ensino, possibilita aos alunos maior interação com a teoria (SCACCHETTI, 2013).

O emprego do termo “ensino técnico” só se generalizou na Europa durante a década de 1870, sendo pouco utilizado no Brasil antes de 1880. Anteriormente, era conhecido por “ensino industrial” ou “ensino científico”. Por sua vez, a parte artística do ensino técnico era denominada “desenho técnico” ou “desenho industrial”, compreendendo diferentes tipos de desenho aplicado a fins práticos, como, por exemplo, desenho geométrico, desenho mecânico, desenho de perspectiva, desenho de padrões e de ornamentos. Corresponhia ao aprendizado prático de artes aplicadas, mecânicas ou decorativas em oficinas ou ateliês (CARDOSO, 2004).

Ao final do século XIX, Rui Barbosa sustentava a educação pela arte como formadora da população. O ensino técnico seria a base para a industrialização do Brasil e, aliando-se ao ensino de qualquer das modalidades de desenho, de modo abrangente para todas as idades e camadas sociais, contribuiria para a passagem de um país agrário a um país industrial. Segundo ele, “O dia em que o desenho e a modelação começarem a fazer parte obrigatória do plano de estudos na vida do ensino nacional datará o começo da história da indústria e da arte no Brasil” (BARBOSA, 1882, p. 16).

Pressupondo-se que a modalidade técnica de ensino possua especificidades próprias, que a distinguem do ensino em âmbito universitário, o presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, na modalidade de estudo de reconhecimento, sobre o estado atual, em 2018 e 2019, do ensino técnico de design gráfico ou comunicação visual na cidade de São Paulo. Para sua realização foram utilizadas técnicas de pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade com coordenadores, professores, alunos e ex-alunos de cursos técnicos de comunicação visual, sobretudo em duas das dez escolas em atividade na cidade de São Paulo: uma da rede Etec-SP (Escolas Técnicas de São Paulo) e outra do Senac-SP (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Devido à restrita bibliografia a respeito do tema abordado, priorizou-se o levantamento de dados primários, totalizando 38 entrevistas. Valeram-se, também, de observações diretas de aulas e análises gráficas e semióticas da linguagem visual de pranchas de trabalhos executados por alunos.

2. Aspectos Identificados

Os resultados sistematizados neste artigo estão classificados em cinco dimensões principais identificadas na pesquisa que revelariam presença, ao que se supõe, preponderante de categorias conceituais das artes visuais no ensino técnico de design gráfico em São Paulo. Esses cinco aspectos da pesquisa dizem respeito: a) a processos de escolha do curso de design gráfico por parte dos alunos; b) à formação pessoal dos professores; c) a propostas de trabalhos apresentadas aos alunos; d) à estrutura metodológica básica de processos de projeto exercitados com os alunos; e) a linguagens visuais identificadas em trabalhos de alunos.

2.1. Processos de Escolha do Curso de Design Gráfico por Parte dos Alunos

Em referência ao processo de escolha do curso, um aluno da Etec-SP declarou haver se definido pela área da comunicação visual pensando mais em artes, especificamente em grafite. De acordo com ele, “Vim mais pela parte de artes, porque minha mãe fazia técnico de cozinha [em outra unidade]. Aí, o pessoal de ‘CV’ [comunicação visual] ficava fazendo grafite no muro. Ela falou: vai lá, eles fazem grafite, você deve ir, deve ser bacana ter essa parte de arte”. Observe-se, no trecho em análise, que esse aluno teria escolhido o curso pensando em “fazer grafite”. Esse comentário sugere ausência de conhecimento por parte dos envolvidos a respeito da efetiva natureza da comunicação visual.

Outra aluna da Etec-SP, ao relatar sua escolha, explicou haver buscado o curso pensando em pintura. Segundo ela, “Eu entrei porque eu sabia que a gente ia fazer um quadro e eu fiquei interessada nessa parte” (Figura 1). É informativo que essa aluna tivesse ciência de que iria pintar quadros antes de ingressar. Tal fato pressupõe que conteúdos mais característicos das artes visuais, como exercícios de pintura (à guache e em aquarela, por exemplo) estariam presentes na grade curricular do Curso Técnico em Comunicação Visual de escolas da rede Etec.

Figura 1: Ateliê de Desenho e Pintura do Curso Técnico de Design Gráfico.



Fonte: Fotografia elaborada pela autora.

Por sua vez, uma ex-aluna do Senac-SP, relatando seu próprio momento de vida, participou que, naquela época, ainda estaria estudando. De acordo com ela: “Eu ‘tava [sic] no ensino médio, no terceiro [ano]. Eu não sabia de nada, só desenhar. Eu só sabia que tinha esse curso no Senac, me inscrevi, ganhei a bolsa, fiquei feliz e fui. Eu nem sabia, exatamente, o que era, porque eu não fazia parte desse universo”. Chama atenção o fato de que essa ex-aluna, até então, não houvesse concluído o ensino secundário. Tal cenário parece indicar que sua escolha ocorreu com base apenas em sua anterior afinidade com o desenho, sem possuir exata noção das atribuições de um comunicador visual.

Outra aluna da Etec-SP também mencionou que optara pelo curso por gostar de desenhar: “Eu só vim pra cá, inclusive, porque eu tinha uma outra amiga que queria fazer moda. E, como eu sempre gostei de desenhar, eu imaginei: comunicação visual. Aí, eu olhei a grade e falei: legal, desenhos”. De modo similar, outra ex-aluna da Etec-SP informou sua anterior afinidade por desenho. Segundo ela, “Eu quis fazer o [curso] técnico porque eu sempre gostei de desenhar, mas não queria ser desenhista”. Ambos depoimentos sugerem que a escolha de cada uma seria baseada na convicção pessoal de que comunicação visual teria alguma relação com desenho.

Como relatado, foram identificados alguns casos em que os então pretendentes alunos optaram por se matricular no Curso Técnico em Comunicação Visual, tanto em escolas da rede Etec-SP quanto da rede Senac-SP, sem conhecimento mais completo a respeito da natureza exata da atividade de comunicação visual. Parcela dos alunos tenderia a escolher em razão de afinidade por desenho, pintura ou mesmo grafite. Estes dados sugerem que parte da motivação da escolha pela área da comunicação visual seria o fato (conhecido dos novos alunos) de que seus conteúdos estariam, ao menos em parte, relacionados às artes visuais.

2.2. Formação Pessoal dos Professores

Em relação à formação pessoal dos professores, uma docente graduada em artes visuais informou que, em sua unidade escolar da rede Etec-SP: “A gente tem muito artista plástico [sic] aqui. [...] Tem o pessoal que fez desenho industrial e a pessoa correu atrás, fez outros cursos, se especializou. Tem também quem fez design gráfico mesmo, que tem uma carga grande de ‘Aplicativos’³”. Acrescentou, ainda, presença de parcela menor de docentes da comunicação social (graduados em jornalismo, publicidade ou relações públicas). Seu depoimento aponta certa prevalência de docentes formados em artes visuais nesses cursos.

Por sua vez, outro professor da rede Etec-SP declarou que seria ex-aluno do mesmo curso na própria escola. De acordo com ele, “Sou formado em artes plásticas [sic]. Depois, eu fui fazer psicopedagogia pra melhor compreender os processos de aprendizado, da parte da psicologia com a pedagogia, estudos do design, fui pra dança. Enfim, eu fiz uma mescla”. Observe-se que esse docente, além de artes visuais, estudou outras coisas. Esse relato pressupõe atenção desse professor a uma formação mais plural dos docentes, especialmente no que se refere a conteúdos de design, uma vez que atuaria em curso de comunicação visual.

Quanto ao que lecionaria, o mesmo professor comentou que, “[...] uma das minhas disciplinas é ‘Influências dos Movimentos Artísticos na Comunicação Visual’ (IMA), quer dizer, como eles [alunos] traduzem os elementos visuais para criar dentro da comunicação visual”. Segundo ele, seria oferecida nos três módulos, sendo uma das disciplinas de base, porque

³ Referência feita à disciplina: “Aplicativos Informatizados em Design Gráfico”.

trabalharia aspectos mais conceituais com os alunos. Isso sugere propósito de ampliar seus repertórios. Já na outra disciplina, “[...] em ‘Produção Gráfica’, eu falo dos processos da fonte, da questão da ilustração, a questão de pré-impressão, impressão e pós-impressão pra eles entenderem qual é o processo de criação de uma revista no aspecto físico”. Esse trecho indica, uma vez mais, mérito desse docente, com formação em artes visuais, de se inteirar sobre processos gráficos específicos da área do design gráfico para se adequar a tais projetos.

Similarmente, um professor da rede Etec-SP relatou que se graduara em artes plásticas, mas que estaria atuando no ensino técnico havia apenas três anos. De acordo com ele, “Apesar de eu já dar aula há mais de 20 anos, no [curso] técnico, eu sou professor recente. [...] A parte de design, eu procurei estudar bastante pela questão pedagógica e didática”. Observe-se que esse professor teria experiência em docência, procurando informar-se a respeito da especificidade do design ao começar a lecionar disciplinas da área. Seu relato sugere entendimento de que os conteúdos e abordagens do design não se equivaleriam aos que aprendera nas artes visuais.

Quanto às disciplinas ministradas, o mesmo docente participou que na Etec-SP seriam três: “Atualmente, é ‘Desenho Geométrico’. Já lecionei ‘Formas Compositivas de Elementos Plásticos’ e, agora, também estou com a disciplina de desenvolvimento de manual de identidade visual: desenvolvimento de logotipos, itens de papelaria”. Note-se que esse professor seria responsável por uma disciplina com conteúdos mais diretamente afetos ao campo das artes visuais [“Formas Compositivas de Elementos Plásticos”], outra mais relacionada ao design gráfico [“Concepção e Representação da Identidade Visual”] e, ainda outra, que atenderia aos dois universos [“Desenho Geométrico”]. Essa passagem parece indicar que professores graduados em artes visuais, ao serem alocados em disciplinas mais relacionadas ao design, caso não tenham vivência no mercado profissional da área, terão necessidade de suprir lacunas por meio de leituras complementares.

Uma outra professora da rede Etec-SP também informou que se graduara em artes plásticas, sendo responsável por duas disciplinas: “Formas Expressivas Bidimensionais” (FEB), oferecida em dois semestres (FEB I, que compreenderia exercícios empregando técnicas de nanquim e lápis aquarelado; FEB II, que seriam desenhos de observação com guache TGA, aquarela e acrílica) e a outra seria “Formas Compositivas de Elementos Plásticos” (FCEP), em que se realizariam trabalhos de ponto e linha, abordando equilíbrio e simetria. Os dados pressupõem que as duas disciplinas, uma com característica essencialmente plástica e outra envolvendo princípios de composição, estariam em consonância com sua formação. Sugere, ainda, presença de categorias bastante relacionadas ao domínio das artes visuais nesses cursos técnicos de comunicação visual da rede Etec-SP, tal como registrado em seu Plano de Curso.

Um docente da rede Senac-SP declarou que se graduara em publicidade e propaganda, formação em marketing e negócios, sendo especialista em metodologia de design. Com formação similar na graduação, outra professora mencionou que se graduara em Publicidade, Propaganda e Criação. Segundo ela, “É por isso que eu fui pra essa área do design. Fui fazendo alguns cursos de aperfeiçoamento enquanto estava na graduação. [...] Fiz edição de vídeo, design impresso. Comecei pós-graduação em Comunicação Empresarial Institucional”. Teria concluído outra pós-graduação em Arte e Educação. Tais depoimentos pressupõem que graduados em publicidade e propaganda também poderiam apresentar afinidade pela área do design, não apresentando, necessariamente, relação com as artes visuais.

Apesar de parcela dos professores possuir formação em publicidade, alguns em design, observou-se que dentre seis professores entrevistados em uma mesma dada unidade escolar de ensino técnico de design gráfico da Etec-SP, quatro seriam graduados em artes visuais. Isso

parece explicar o fato de que parte significativa dos conteúdos das disciplinas de cursos técnicos de comunicação visual apresenta abordagens mais artísticas, espontâneas, menos vinculadas a restrições técnicas de exercícios de projeto características da área do design. Nesse sentido, é notável que, com certa frequência, categorias conceituais e metodológicas do campo específico do design sejam ofuscadas por categorias afetas à esfera das artes visuais.

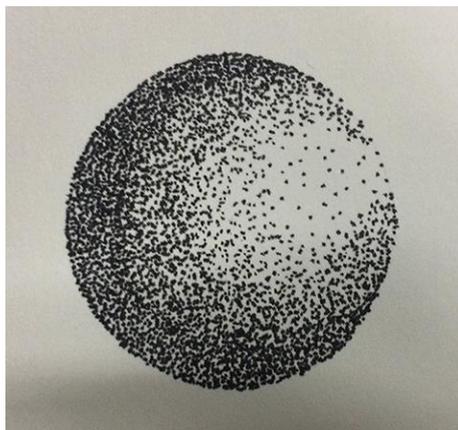
2.3. Propostas de Trabalhos Apresentadas aos Alunos

Em relação a propostas apresentadas em determinada disciplina, uma ex-aluna da Etec-SP informou que a matéria de história da arte não se restringiria à abordagem teórica. Para ela, “História da arte envolvia exercícios de pintura, não ficou só na teoria. A gente falou de fauvismo e, aí, a gente foi fazer alguma coisa de fauvismo mesmo. [...] tinha história da arte, mas não tinha esta conexão do projeto com a história da arte”. É esclarecedor que os fundamentos de movimentos artísticos precederem as atividades práticas, o que sugere percebido mérito de contextualizar aspectos gerais e situar a proposta antes de se propor algum exercício criativo. Ao mesmo tempo, ao realizar uma dada atividade com temáticas relacionadas aos movimentos artísticos recém-apresentados, tais conteúdos pedagógicos, ao que se presume, tenderiam a consolidar-se melhor.

Segundo a docente responsável pelas disciplinas “Formas Expressivas Bidimensionais” e “Formas Compositivas de Elementos Plásticos”, no primeiro módulo seriam propostos exercícios para desenvolvimento das técnicas de nanquim, lápis aquarelado e, no semestre subsequente, exercícios de observação e técnicas de guache, aquarela e acrílica (Figura 2). Ao propor pintura de paisagem em acrílica sobre tela, daria exercícios em papel canson: “Quando chegar mais próximo, eu peço pra eles saírem de semana e fazerem uma foto de um espaço verde qualquer. Eles vão fazer esta pesquisa. Eles veem e reproduzem, cada um a sua”, citando que, apesar de a maioria dos alunos apreciar tais disciplinas: “[...] tenho três que não gostam, porque eles entraram aqui pra fazer comunicação visual”. É informativo que parte dos alunos não apreciaria determinadas atividades propostas. Isto sugere compreensão de que o aprendizado de técnicas de pintura, isto é, abordagem mais empírica, não corresponderia ao ideário de alguns alunos a respeito do que seria ensinado em comunicação visual.

Figura 2: Pintura a Guache e Trabalho de Pontos com Técnica de Nanquim.





Fonte: Fotografias elaboradas pela autora

No que se refere ao estudo da cor, uma igualmente ex-aluna da Etec-SP relatou que tais aulas seriam especialmente dinâmicas. De acordo com ela, “Era pintar mesmo, fazer caderno de pintura, fazer escala. A gente aprendeu bastante coisa nessa matéria. [...] usou tinta mesmo [TGA] pra falar de cor. Falou de impressão, mas ficou mais pro 3º semestre, pro TCC mesmo, de cor impressa”. Este fragmento em análise parece indicar que o aprendizado das cores, nos dois primeiros módulos do curso técnico, seria essencialmente prático – uma abordagem mais empírica – e que o estudo da cor impressa seria reservado para o último módulo, correspondendo ao desenvolvimento do TCC.

Ao recordar alguns trabalhos desenvolvidos, outra ex-aluna da Etec-SP mencionou os de composição: “Lembro, também, de exercícios de composição com formas geométricas, com a mesma professora [de teoria da cor]”. Similarmente, outra ex-aluna citou atividades de ilustração. Para ela, “Lembro das aulas de ilustração mais manual. Era algo de composição. A gente teve ideia de ‘Gestalt’, teoria da cor. Era bem mais analógico”. Mais uma ex-aluna da Etec informou haver praticado composição. Segundo ela, “A gente fazia composição. Colocava lá a maçã, a xícara, a pera e ficava desenhando com tinta. Foi mais mexer com tinta” (Figura 3). É notável que algumas abordagens em exercícios de composição apresentariam características mais manuais, empíricas, de proximidade com a área das artes visuais.

Figura 3: Exercícios de Observação com Técnica de Aquarela.



Fonte: Fotografia elaborada pela autora

Essa mesma ex-aluna, relatando outra atividade desenvolvida no curso técnico de comunicação visual, declarou não entender a finalidade de tal proposta. De acordo com ela, “[...] era pra fazer ‘mockup’, tipo um hambúrguer grande com isopor ou biscuit. [...] Acho que era pra aprender a trabalhar com o material” (Figura 4). Note-se, no segmento analisado, certa incerteza quanto ao objetivo do exercício. Seu depoimento sugere valorização de atividades manuais de construção de modelos, ainda que com repertório formal e linguagem não exatamente condizente com atividades de projeto de design.

Figura 4: Modelos Representando Sanduíches.



Fonte: Fotografia elaborada pela autora.

Quanto a um exercício preliminar de identidade visual, uma docente da rede Senac-SP mencionou a criação de logotipos e símbolos gráficos. Segundo ela, “Essa aula eu boto prancheta, eles começam a criar. Eu vou trabalhar com massa de modelar. Eles vão modelar mesmo a tipografia e o símbolo. Eles me deram o conceito, rascunharam quatro ou cinco propostas” (Figura 5). Observe-se, no trecho em questão, a utilização de massa de modelar. Tal cenário parece indicar atenção em expor o grupo a ambientes e materiais menos convencionais, em abordagens também alternativas, que estimulem habilidades sensoriais, motoras, cognitivas e sociais, mais especialmente relacionadas ao domínio das artes visuais.

Figura 5: Logotipos e Marcas Gráficas com Massa de Modelar.



Fonte: Fotografias elaboradas pela autora.

Os dados apurados parecem indicar que o aprendizado de determinados conteúdos e práticas do Curso Técnico em Comunicação Visual como, por exemplo, teoria da cor, semiótica e composição seriam percebidos como importantes para a formação na área. Sugere, também, ênfase em abordagens mais manuais, com características mais artesanais, sensoriais, empíricas, de mão na massa, mais tipicamente da alçada das artes visuais do que, especificamente, do campo do design, sobretudo em escolas da rede Etec-SP.

2.4. Estrutura Metodológica Básica de Processos de Projeto Exercitados com os Alunos

Com respeito à maneira como se iniciaria um projeto de design no curso técnico de comunicação visual do Senac-SP, uma professora informou: “A gente procura trabalhar primeiro no papel, porque se consegue desenvolver melhor a ideia, pensar melhor”. Chama atenção que o primeiro estágio do projeto se inicia com desenho. Seu depoimento parece indicar centralidade do ato de desenhar na concepção ensinada do método de projeto em design, não levando em consideração etapas de conceituação do problema, levantamento e análise de dados, determinação de requisitos de projeto, entre outros estágios do processo de projeto como proposto por Archer (1965), em “Systematic Method for Designers”. A abordagem retratada incita proposição de soluções de projeto induzidas, diretamente, da tela mental dos alunos, desconsiderando a metodologia de projeto específica do campo do design. Além disto, também chama atenção o que seria um frequente deslize conceitual de confundir-se o ato de projetar com o ato de desenhar. Some-se a este quadro, ainda, o fato de que a linguagem do tipo de desenho exercitado com os alunos tender a ser mais figurativa e contaminada por efeitos expressivos e estereótipos formais do estilo pessoal de cada um deles. Por fim, outro aspecto também a se considerar é a natureza da abordagem de projeto exercitada com os alunos: sobretudo indutiva, em modo mental igualmente mais associado às artes visuais.

Já um docente da Etec-SP declarou que, em uma primeira fase, empregaria o método do arquiteto Francesco Careri, chamado “Derivas” (correspondente ao “flaneur”, de Walter Benjamin). De acordo com ele, “Você sai em uma determinada região da cidade e vai explorando. [...] Eu tento fazer eles [sic] vivenciarem o projeto.” Tal medida, segundo seu relato, enriqueceria o trabalho de seus alunos. Esta concepção de metodologia de projeto estaria, assim, menos atrelada a restrições técnicas de projeto, baseando-se, essencialmente, em exercícios mais livres e soltos, em correspondência com processos criativos mais característicos das artes visuais.

Por sua vez, uma ex-aluna do Senac-SP, em relação ao método de desenvolvimento de projetos, afirmou que a primeira coisa que vinha à sua cabeça era criar algo “bonito”. Para ela, “No [curso] técnico, [...], você não pensa no todo. Você pensa numa embalagem que você quer, ah, ‘lindona’ [sic]. Só que você não pensa no que você vai ter que fazer pra quando chegar naquilo”. Observe-se que sua atenção se voltava à aparência do produto. Esse testemunho sugere ênfase em aspectos estéticos no produto final, mais característico de certo formalismo das artes visuais, parecendo esquivar-se de questões mais diretamente relacionadas à funcionalidade dos projetos, o que estaria, nesse sentido, mais de acordo com o método clássico de projeto em design.

Diante dessas considerações, grande parte das propostas e abordagens apresentadas aos alunos em cursos técnicos de design gráfico, tanto na Etec-SP quanto no Senac-SP parecem ter centralidade e anterioridade do ato de desenhar, com preocupações estetizantes, em processos indutivos de concepção, o que estaria mais consoante a modos criativos das artes

visuais, de certa forma, desconsiderando-se a cultura específica de projeto em design.

2.5. Linguagens Visuais Identificadas em Trabalhos de Alunos

Com base em observações, acompanhamento de aulas e em apresentações de projetos dos alunos, foram notadas determinadas características na linguagem visual dos trabalhos produzidos. De modo geral, tais padrões sugerem caráter formal, plástico, semântico e simbólico mais ingênuo, com traços referenciais oriundos da linguagem de desenho animado, ilustração, história em quadrinhos, figuras do mundo *pop* (Figura 6).

Percebeu-se, ainda, em parte dos trabalhos apresentados, pouco domínio da linguagem própria do design, que implica elementos como modulação, linhas regulares e controladas, ausência de elementos arbitrários, simplificação, síntese, unidade formal, geometrização, entre outros aspectos, como indicou Vignelli (2009, p. 11) em seu Cânone⁴: “[...] Isto significa necessidade de se projetar algo que tenha sentido, que não seja arbitrário, que tenha uma razão de ser, alguma coisa em que cada detalhe carregue o sentido ou possua um propósito exato, voltado para um alvo preciso. [...]” (tradução nossa).⁵

Figura 6: Projeto de Cartaz.



Fonte: Fotografias elaboradas pela autora

Em se tratando de determinados projetos de identidade visual, os símbolos gráficos apresentavam-se não exatamente resolvidos formalmente. Com relação a alguns logotipos,

⁴ (VIGNELLI, Massimo. **The Vignelli Canon**. 2009)

⁵ Texto original: “It means to design something that has a meaning, that is not arbitrary, that has a reason for being, something in which every detail carries the meaning or has a precise purpose aimed at a precise target” (Ibdem, p. 11).

percebeu-se que sua redução afetaria negativamente a legibilidade. Constatou-se, também, certo modismo formalista relativo à utilização de espaços aumentados entre elementos tipográficos, tornando a forma mais diluída e fragmentada (Figura 7).

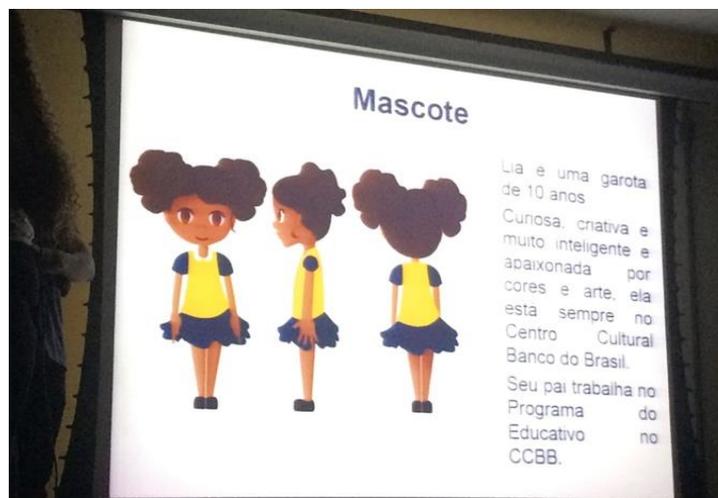
Figura 7: Projeto de Logotipo e Marca Gráfica.



Fonte: Fotografia elaborada pela autora.

Em apresentações de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) de escolas da Etec-SP, as imagens digitais, em sua maioria, seriam estáticas, havendo pequenas animações executadas no aplicativo "Flash". No caso de uma proposta de projeto apresentada por determinado professor, existiria demanda de desenvolver a figura de uma mascote. Esse elemento seria um componente comumente mais associado à linguagem de ilustração, animação, brinquedos infantis e histórias em quadrinho. Observou-se, ainda, em soluções desenvolvidas pelos alunos, preferência relativamente recorrente, na caracterização de tais mascotes, por referências a figura de crianças, frequentemente de meninas afrodescendentes, em linguagem gráfica, sobretudo artística, com elementos naïf (Figura 8).

Figura 8: Criação de Mascotes.

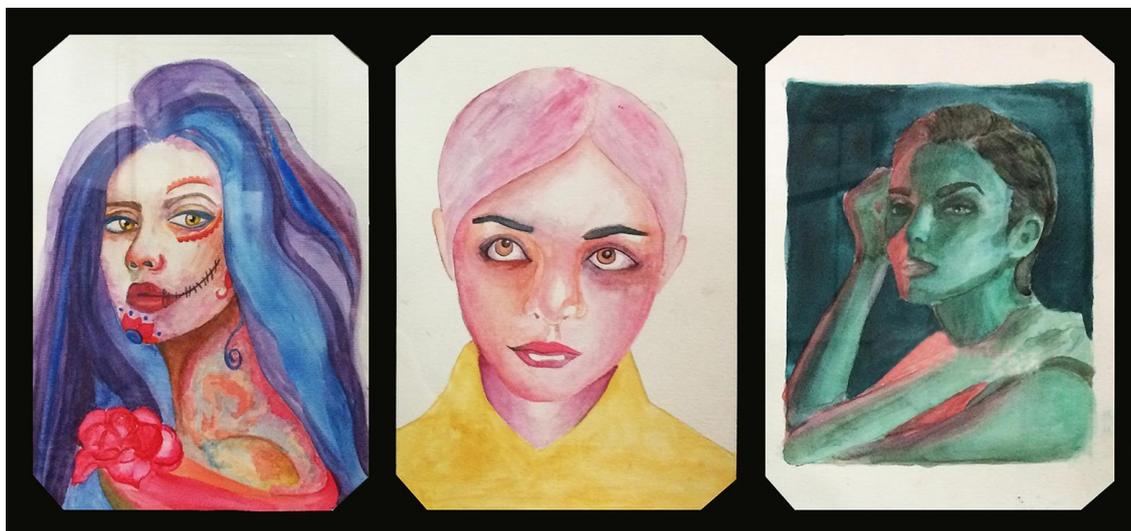




Fonte: Fotografias elaboradas pela autora.

Já em exercícios com características mais manuais, de caráter empírico, mais comuns a propostas de professores da rede Etec-SP, tenderiam a ser realizados à mão livre, com materiais e técnicas variadas, tais como grafite, nanquim, guache TGA, aquarela e tinta acrílica. Os trabalhos, uma vez concluídos, costumam ser expostos nos corredores, exercendo função bastante semelhante à de obras de artes visuais, em que a arte final é percebida como um fim a ser exposto, não como representação informativa de projeto (Figura 9).

Figura 9: Exercícios de Observação com Técnica de Aquarela.



Fonte: Fotografia elaborada pela autora

Parte dos trabalhos analisados revelava elementos compositivos irregulares, artísticos, com repertório formal mais associado ao universo da ilustração (em que se inclui o recurso de fundos em *dégradé*) e pouco da linguagem específica do design. Percebeu-se também, em alguns casos, a utilização de elementos figurativos desenhados em substituição a alguma dada letra, afetando, em certa medida, a legibilidade, distanciando-se, nestes termos, da linguagem mais limpa, neutra e elementar, mais características do design gráfico (Figura 10). Nesse

sentido, como defende Villas-Boas (2009) e Gomes Filho (2009), a “harmonia” seria conferida pela lógica de uma organização coerente em todos os seus elementos, possibilitando leitura simples e clara, nem sempre evidenciada nos projetos observados.

Figura 10: Projetos de Cartaz.



Fonte: Fotografias elaboradas pela autora

3. Discussão

Em retrospecto, os dados apurados parecem indicar que as escolhas dos alunos pela carreira de comunicação visual seriam influenciadas, em grande parte, por orientação de amigos e em razão da afinidade desses então candidatos a alunos com o universo do desenho, da pintura, do grafite e da ilustração ou, talvez, por considerarem que seria um curso mais fácil por envolver competências supostamente mais artísticas. De modo geral, a linguagem visual observada em trabalhos dos alunos resulta relativamente ingênua e evocativa de categorias das artes visuais, com perceptíveis inadequações em composições tipográficas. O emprego de elementos gráficos e de imagens destituídos, em alguns casos, de modulação, regularidade, clareza, coerência sintática, síntese, unidade formal e geometrização, pareceria menos característico do registro próprio ao design. Apesar disso, em termos criativos e artísticos, alguns trabalhos evidenciariam certo talento por parte dos alunos que os conceberam.

Por sua vez, processos de projeto em design, tal como apresentados aos alunos, eram centrados, na maior parte dos casos, em abordagens indutivas, mais espontâneas e menos comprometidas com uma disciplina linear de projeto, dedutiva, que partisse do geral para o particular, como a metodologia de projeto em design tende a ser ensinada em cursos superiores. Convém ressaltar a dependência, então constatada, de técnicas manuais de desenho em processos de geração de alternativas, que ganhavam protagonismo no

desenvolvimento dos projetos, desconsiderando-se, de certa forma, as demais etapas reconhecidas do método clássico de projeto (em que se incluem a definição do problema de design, levantamentos de dados, tratamento de dados, requisitos de projeto e comunicação de resultados). Essa percebida ausência de exposição mais sistemática e completa a conteúdos específicos de metodologia de projeto no âmbito dos cursos técnicos talvez se explique pela escassez observada de professores originalmente formados em design atuando na pedagogia do ensino técnico na área.

Tendo em vista que, segundo relatos, egressos de cursos técnicos de comunicação visual sairiam sem entendimento suficientemente claro a respeito do escopo da área, isto talvez se deva ao fato de esses cursos técnicos, sobretudo nas Etecs, não abrangerem apenas conteúdos relacionados à comunicação visual, buscando englobar, nesse sentido, tudo o que apresentaria certa “veia criativa”, percebendo-se, então, acentuada hibridização, nem sempre favorável, com elementos das artes visuais.

É sensível, portanto, presença de categorias conceituais mais relacionadas ao universo das artes visuais nas escolas técnicas de comunicação visual em atividade, em São Paulo, em 2018 e 2019, em especial naquelas pertencentes à rede Etec-SP. Isto parece decorrer, uma vez mais, do fato de que grande parte dos docentes recrutados possuir formação em artes visuais. Apesar disso, é perceptível a preocupação de parte expressiva dos professores quanto a adaptar conteúdos das artes visuais para o ensino do design gráfico, bem como o empenho genuíno dos mesmos quanto à inserção de seus jovens alunos no âmbito cultural, social e profissional da atividade do design.

4. Considerações Finais

De modo geral, parece ocorrer esta forma de prevalência de elementos das artes visuais no ensino técnico de design gráfico, de certo modo descaracterizando a identidade própria do design, atividade especificamente baseada em projeto, implicando necessidades de usuários em situações de uso e em produção seriada. Por outro lado, as escolas técnicas, ao estimular habilidades sensoriais, motoras e cognitivas em propostas, abordagens, instruções e exercícios mais associados às artes visuais, estariam promovendo, em algum grau, ampliação do campo vocacional e profissional de seus alunos, estimulando-os, desta forma, a considerar outros campos adjacentes à especificidade do design.

Espera-se que esta radiografia parcial do estado corrente do ensino técnico de design gráfico em São Paulo, tal como pesquisado na virada da década de 2020, possa subsidiar discussões, ora em curso, a propósito de uma eventual reformulação curricular, redirecionamento de disciplinas e intensificação da identidade epistemológica, estética, linguística e metodológica do campo do design em seu ensino técnico, elevando-se, assim, a potencial contribuição desta modalidade de ensino à formação de seus alunos, à consolidação teórica e prática da atividade do design e, em última instância, à sociedade como um todo.

Referências

ARCHER, Leonard Bruce. **Systematic Method for Designers**. Londres: Council for Industrial Design, 1965. 40 p.

BARBOSA, Rui. **O Desenho e a Arte Industrial**. 1882. Disponível em:
[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_ODese
nho_e_a_ArteIndustrial.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_ODese
nho_e_a_ArteIndustrial.pdf). Acesso em: 23 ago. 2018.

CARDOSO, Rafael. A Academia Imperial de Belas Artes e o Ensino Técnico. **19&20**. Rio de Janeiro, v. III, n. 1. jan. 2008. Disponível em:
http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/rc_ebatecnico.htm. Acesso em: 7 out. 2018.

FERRETTI, Celso João. As Escolas Técnicas se Salvaram. **Difusão de Ideias**, 1-5. Disponível em:
http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/difusaoideias/pdf/entrevista_escolas_tecnicas.pdf
acesso em: 13 jun. 2016.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto**: Sistema de Leitura Visual da Forma. São Paulo: Escrituras, 2009. 133 p.

MEC. Área Profissional: Design. In: Brasil, MEC. Educação Profissional: Referências Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília, 2000. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/design_ref.pdf. Acesso em: 26 set. 2016.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA, ETEC. **Plano de Curso - Técnico em Comunicação Visual**. Disponível em: https://www.eteccarapicuiba.com.br/wp-content/uploads/2019/12/Comunica%C3%A7%C3%A3o-Visual-059_CS_2-sem-2019.pdf. Acesso em: 2 ago. 2019.

SCACCHETTI, Fabio Alexandre Pereira. **Motivação e Uso de Estratégias de Aprendizagem no Ensino Técnico Profissional**. 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Londrina, 2013. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2013/2013_-_SCACCHETTI_Alexandre_Pereira.pdf. Acesso em: 30 jun. 2016.

VIGNELLI, Massimo. **The Vignelli Canon**. 2009. Disponível em: <https://s3-us-west-2.amazonaws.com/rationale-design.com/resources/vignelli-canon/Vignelli+-+Canon.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

VILLAS-BOAS, André. Sobre Análise Gráfica, ou Algumas Estratégias Didáticas para a Difusão de um Design Crítico. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, n. 5, dez. 2009. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4616123/mod_resource/content/1/VILLAS-BOAS%202009%20an%C3%A1lise%20grafica.pdf. Acesso em: 15 ago. 2018.